



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

VICTORIA LACERDA

REVISTA SUBVERSIVA

feminismos plurais

GOIÂNIA

2022

VICTORIA LACERDA

REVISTA SUBVERSIVA

feminismos plurais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para a conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, orientado pelo professor Dr. Rogério Pereira Borges.

GOIÂNIA

2022

Lacerda, Victoria. *Revista Subversiva - femininos plurais*. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Comunicação: Faculdade de Jornalismo. Goiânia. 2022.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em 12/12/2022 para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Prof. Doutor Rogério Pereira Borges

Examinadora - Prof^a Mestre Gabriella Luccianni

Examinadora - Jornalista Mestre Cileide Alves

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo.”

Angela Davis

AGRADECIMENTOS

Vários clichês se desenvolvem durante a graduação: os prazos apertados, a falta de sono, a improdutividade, o pânico de não entregar o TCC a tempo. Mas o clichê que faz mais sentido é o de agradecimento.

Agradeço, primeiramente, as minhas duas pessoas favoritas do mundo inteiro, a mamãe e ao meu irmão, Daniele Lacerda e Erik Lacerda, que me auxiliaram durante não só a minha trajetória acadêmica como em toda a minha vida. Agradeço também por serem essenciais em meus sonhos e projetos, devo toda minha dedicação a vocês dois. Agradeço também aos meus avós maternos, Manoel Lacerda e Vanda Lacerda, que nunca mediram esforços para cuidarem de mim em todas as situações necessárias. Conseqüentemente, por estar longe de São Paulo, senti o vazio de não ter os meus familiares e amigos de infância por perto, mas graças ao encorajamento e à força que me ensinaram a ter, esse período se tornou apenas o primeiro passo para um mundo de possibilidades.

Gostaria de agradecer os meus amigos que se tornaram a minha família em Goiânia, com vocês aprendi que lar é onde o amor está. Agradeço imensamente o G8, o meu grupo de universidade que me acompanhou desde o primeiro dia e foi crescendo ao longo dos semestres. Maísa Martins, Gilberto Almeida, Vinicius Mariano, Kayo César, Beatriz Mendes, Sabrina Alves e Yorrana Maia, a minha graduação jamais seria a mesma sem vocês. Faço um agradecimento ainda mais especial a Yorrana, que me ouviu e apoiou incansavelmente em todas as situações de desespero ao longo da escrita da *Subversiva*.

Igualmente, agradeço a Beatriz Mendes, Leticia Sartori, João Cavalcanti, Arthur Benjamim e Raíssa Barbosa (diretamente do Canadá) e com certeza absoluta a cada pessoa da família de vocês que me trataram e me acolheram como uma filha postíça nesse período. Agradeço também ao Vittor Andrade que chegou na metade dessa loucura e fez uma diferença gigantesca. Você e sua família são um presente.

Também gostaria de agradecer e enaltecer todos os meus professores do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pela excelência e dedicação. Igualmente agradeço todos da equipe do jornal *O Popular*, ao *GI Goiás* e ao meu primeiro editor do jornal *O Hoje*, Nathan Sampaio, que me ajudaram a crescer e amadurecer não só como estudante mas como profissional. Agradeço também às minhas duas examinadoras, a professora Gabriella Luccianni, que esteve comigo desde o meu primeiro semestre como universitária e me acompanhou literalmente até o último, e à jornalista Cileide Alves, que mesmo inconscientemente, me inspirou tanto com seus textos e palavras.

Não menos importante, finalizo o meu agradecimento ao meu querido orientador,

Rogério Pereira Borges, que se dedicou incansavelmente para a concretização deste trabalho. Ele, acima de qualquer pessoa, foi o responsável por semear o desejo de que, além de jornalista, eu experimentasse o desafio de ser, também, pesquisadora e professora. Sempre muito sábio, ele apresentava soluções e conselhos até mesmo nos momentos mais desafiadores deste trabalho. Passamos um ano inteiro operando em conjunto para obter como resultado um trabalho que contribuísse para as discussões sobre revistas femininas, revistas feministas, feminismos plurais, questões de gênero e relacionadas ao exercício do jornalismo hodiernamente. Juntos tivemos a oportunidade de aprendermos e nos aprofundarmos em questões que nos tangem e precisam ser discutidas e abordadas não só na graduação de jornalismo, mas na sociedade como um todo. Levarei comigo todos os ensinamentos e discussões para a vida acadêmica, profissional e pessoal. Sinto que amadureci de forma imensurável neste processo.

Faltam-me palavras para descrever o quanto todos vocês que citei aqui são importantes na minha vida e foram essenciais neste processo. Obrigada a cada um.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma revista digital intitulada como *Revista Subversiva*, e como complemento o subtítulo: feminismos plurais. O trabalho tem como finalidade ressaltar o movimento feminista, em suas pluralidades e particularidades, nas suas benesses e feridas. O projeto experimental ressalta a reflexão sobre questões que cercam a formação de um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas, em especial para as mulheres. Por meio deste produto jornalístico será possível o aprofundamento de pautas silenciadas pela mídia tradicional abordando de fato os feminismos plurais em seus diversos conceitos e expectativas.

PALAVRAS-CHAVE: Revista Feminista. Jornalismo. Silenciamento Feminino. Feminismos Plurais.

ABSTRACT:

The present work is about a digital magazine entitled Revista Subversiva, and as a complement the subtitle: plural feminisms. The purpose of this work is to highlight the feminist movement, in its pluralities and particularities, in its blessings and wounds. The experimental project emphasizes reflection on issues surrounding the formation of a more just and egalitarian world for all people, especially women. Through this journalistic product, it will be possible to deepen agendas silenced by the traditional media, actually addressing plural feminisms in their various concepts and expectations.

KEYWORDS: Feminist Magazine. Journalism. Female silencing. Plural Feminisms.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 O que é feminismo?	13
2.2 Feminismo no Brasil	15
2.3 Jornalismo para mulheres x Jornalismo feminista	17
2.4 Jornalismo de revista: o que é e para que se destina	19
2.5 O feminismo atual e a mídia	21
2.6 Imprensa Feminina	24
3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	27
3.1 Revista Subversiva	27
3.2 Revista digital/online	28
3.3. Delineamento do produto	29
3.3.1. Formato	30
3.3.2. Produto	30
3.3.3. Revista Subversiva - Naming	31
3.3.4. Branding	31
3.3.5. Canais de comunicação	32
3.4. Edições	36
3.4.1. Linguagem e gêneros textuais	41
3.4.2. Processo criativo e diário de produção	42
3.4.3. Participações especiais e entrevistadas	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	48
Anexo 1 - Termo de autorização de publicação de produção acadêmica	48
Anexo 2 - Autorização de uso de imagens e informações	49
Anexo 3 - Tabela de imagens	50

INTRODUÇÃO

O jornalismo de revista para o público feminino tem tomado novas formas e se desmembrado, criando vertentes que fogem ao padrão das revistas femininas que conhecemos desde que se há registro. Muito se discute sobre o conteúdo que essas revistas trazem e o impacto que causam junto a seu público alvo, e é certo que possuem um histórico de forte influência na padronização e "estereotipação" da mulher. Entretanto, com o advento da internet e das novas mídias, foi possível, através do movimento feminista e das constantes discussões a respeito da vida da mulher, que estas ganhassem voz, espaço e público para quebrar padrões antigos, sexistas e ditatoriais acerca do que ela - verdadeiramente representa na sociedade.

Diante de uma invisibilidade e silenciamento histórico, quantas mulheres extraordinárias foram esquecidas ou ocultadas ao longo do tempo? Ao longo da história, o sexo feminino foi apagado como se o mundo fosse pensado e realizado apenas por homens. Uma situação da qual nos damos conta aos poucos, percebendo que nos relatos oficiais nós, as mulheres, sumimos e, quando mencionadas, aparecemos apenas em papéis coadjuvantes. A figura feminina é lembrada na sua grande maioria através de suas atividades como mãe, esposa e amante, papéis singulares, porém de "menor" relevância dentro da narrativa global.

A mulher sempre foi alvo de discriminações e muitas vezes foi submissa aos homens e parceiros, devido a uma sociedade que constantemente se desvendou machista. Durante séculos, perdurou a imagem da mulher em condições equivalentes à de escrava, numa época em que ser livre significava, basicamente, ser homem. As funções primordiais femininas eram a reprodução, a amamentação e a criação dos filhos e graças aos movimentos de resistência e luta, notadamente, o feminismo que emergiu no final do século XIX, mulheres vêm ocupando novos e importantes espaços na sociedade.

No Brasil, o movimento feminista, nas últimas décadas, tem sido de fundamental importância para conquistas e ampliação dos direitos da mulher. Além do que, tal movimento foi precioso para despertar em muitas esferas da sociedade uma nova consciência da mulher sobre si mesma, pois ditar o comportamento feminino é uma preocupação que persiste na história de nossa sociedade, mas o papel da mulher no mundo se manteve praticamente inalterado até o final do século XIX. O feminismo começou a tomar forma, na Inglaterra, com as Sufragistas, que lutaram pelo direito ao voto. Esta foi a primeira conquista da mulher para além de seu papel idealizado: para o lar, para o amor e para o homem. A partir disso, a sociedade passou por modificações até o momento em que vivemos hoje.

Coadjuvantes de suas próprias vidas, gradualmente as mulheres buscaram se desvincular dessa dominação masculina, lutando pela igualdade, seja no meio social, profissional, ou no âmbito familiar, por meio do movimento feminista. Embora a sociedade caminhe para mudanças estruturais, a violência contra a mulher é um fenômeno transcultural, presente em todas as culturas ao longo dos séculos.

A discussão do jornalismo como forma de conhecimento traz a relevância do campo na produção simbólica, de forma a indicar que as notícias são envolvidas por visões de mundo que contribuem cultural e socialmente como forma de orientação sobre os parâmetros e valores circulantes na sociedade. O processo de gerar e dar significados por meio da produção de notícias torna evidente a participação do jornalismo na construção das realidades sociais. Podemos citar como exemplo a jornalista brasileira Eliane Brum, que se tornou referência no que faz. Seus textos se destacam tanto pela profundidade da investigação como pelo teor literário. Em suas crônicas, entrevistas, ensaios, os dados e fatos se mostram como ponto de partida para refletir sobre as questões políticas e sociais de que tratam. Mais do que informações, sua escrita tece histórias, revelando o valor das diferentes experiências de vida de cada um.

Desde o surgimento do jornalismo nas sociedades ocidentais, a atividade está ligada à urbanização e ao processo que culminaria na industrialização, mas também em um avanço na possibilidade das/os cidadãos terem acesso privilegiado a informações sobre acontecimentos e pessoas. Progressivamente, coube ao jornalismo o papel de dotar de sentido os acontecimentos sociais, o que representa um poder considerável em um mundo dominado pelas tecnologias de difusão de informação (TEMER & SANTOS, 2018). Este esforço, paulatinamente, exigiu a formatação de uma mão de obra especializada – as/os jornalistas – que sendo ao mesmo tempo coadjuvante e elemento central do jornalismo, reúne as mesmas condições de produção de conteúdo. Produção que passa pela identidade de quem produz.

Durante a primeira década do século XXI, o movimento feminista ganha uma nova força que ajuda a reviver lutas que tinham perdido potência nos últimos anos. Essa energia nasce no aumento do uso dos sites de redes sociais pelas pessoas – e, principalmente, pelas mulheres – e passa a ser tão expressiva que uma possível nova onda feminista surge no debate sobre a trajetória do movimento. A história da atual luta feminista é marcada pela presença dos meios de comunicação como canais imprescindíveis para divulgação dos ideais e ações do movimento. Ações que tentam superar a desigualdade de gênero, que se reflete na falta de representatividade política das mulheres, que é histórica e se mantém ainda hoje na

distorção salarial em relação a homens que realizam o mesmo trabalho, nas estatísticas de violência, nos padrões de beleza, nas formas de educação e em uma série de outros aspectos.

O combate à exclusão e às desigualdades variou ao longo do tempo, com protagonistas diferentes. Há vários feminismos, com diversidade e heterogeneidade entre as mulheres e suas demandas. Reconhecer o caráter plural do movimento legitima a contribuição de mulheres de diferentes etnias, origens sociais, orientações sexuais e identidades de gênero: negras, indígenas, asiáticas, lésbicas, bissexuais, transgêneros. A luta de mulheres contra as estruturas de opressão antecede a palavra feminismo e a existência de um movimento feminista organizado.

Para compor essa discussão, partimos das concepções teóricas abordadas pelos estudos feministas. Os estudos feministas são compostos por diferentes visões teóricas e epistemológicas de discussão que vêm sendo desenvolvidas e incorporadas ao campo temático ao longo do tempo. A mídia tradicional, em especial as revistas femininas, formaram na sua grande maioria um território privilegiado do exercício do poder sobre as mulheres e, portanto, o alvo de uma revolução narrativa para o feminismo construído em rede. Não por acaso, os blogs feministas e mais recentemente as revistas online feministas surgem como uma estratégia de confronto dos modelos de feminilidade e como uma arma política para as mobilizações do feminismo. As fundadoras de muitos desses blogs e revistas online frequentemente se descrevem como “mulheres cansadas de representações femininas irreais” e “velhas fórmulas que ditam o que é ser mulher” (AZMINA, s.d.), e que por iniciativa própria, sem fins lucrativos, decidem criar conteúdo online que subverta esses padrões.

A imprensa feminina e feminista, claro, não é criação contemporânea, e seus embates e estratégias de mobilização têm uma história que se entrelaça com as transformações sociais, econômicas, das relações de gênero e das vagas do movimento feminista. Scalzo (2004, p.77) define a revista feminina como “um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”. Ao mesmo tempo que as mulheres se consolidaram como parcela de consumidoras a serem atendidas pelo jornalismo e pela propaganda, o movimento feminista soube usar a imprensa para confrontar discursos estabelecidos e criar formas de militância.

A representação falha da mulher na mídia tradicional é a crítica que mobilizou a criação de publicações alternativas, a representação que não deu conta da diversidade de vivências da feminilidade, a representação que limita o corpo e causa sofrimento, a representação que destrói a autoestima. Não se ver representada é a angústia política que

mobiliza esses discursos, talvez porque estar condenado à invisibilidade seja a forma mais eficiente de sofrimento contemporâneo. Não se trata de dizer que esse é um problema novo, mas há uma diferença entre lutar por visibilidade como um grupo político em busca de direitos e o deslocamento que agora se dá em direção à luta por visibilidade nos termos da existência antes considerados privados, as modelações do corpo e as formas de vida.

A ausência do reconhecimento da cidadania feminina não só exclui as mulheres de uma efetiva participação na sociedade, mas também a coloca em uma posição de silenciamento. Os reflexos desse contexto são observados na falta de reconhecimento de seu papel enquanto sujeito social, na privação da liberdade e na relação estabelecida sobre seus corpos. Portanto, a *Subversiva* tem como principal característica a integração entre o(a) leitor(a) e a pauta estabelecida no veículo, dando visibilidade ao fazer histórico das mulheres, descrevendo suas experiências e desafios cotidianos, pois as lutas femininas têm como objetivo transformar a representação da mulher na sociedade.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O que é feminismo?

Inicialmente, é preciso voltar um pouco no tempo para compreender e preencher a lacuna da desinformação a respeito do que é o feminismo e como esse movimento teve e ainda tem um papel fundamental na sociedade contemporânea. O Minidicionário Houaiss da língua portuguesa (2010, p. 356) define o feminismo como uma “doutrina ou movimento em favor da ampliação e valorização do papel e dos direitos das mulheres na sociedade”. Nesse sentido, trata-se de um movimento cujo intuito é conceder ao gênero feminino o que outrora era exclusivo aos homens.

No decorrer dos anos, as mulheres passaram por várias lutas para conquistar direitos e igualdade de gênero. Lutaram pelos direitos trabalhistas, pelo direito ao voto e contra as opressões dentro do ambiente familiar. Combateram o sistema estrutural que oprimia e dominava seus corpos com o intuito de manter as mulheres dentro de casa para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, inviabilizando suas vidas políticas e o trabalho fora de casa. Por meio das lutas feministas, vários outros movimentos ganharam visibilidade em prol das causas das mulheres. Com a evolução da sociedade e do modelo estrutural vigente, outras questões foram levantadas, surgindo novas vertentes do feminismo, que procuram corrigir as diferenças sociais e políticas de cada grupo.

Ao contrário do que muitos dizem, o feminismo prega a igualdade de gênero, uma sociedade na qual mulheres e homens tenham, de fato, os mesmos direitos. Defende o direito das mulheres de poderem andar nas ruas sem ter que ouvir frases desagradáveis – afinal, o corpo delas pertence somente a elas, sendo a rua pública -, busca que as mulheres possam ganhar o mesmo salário que os homens ao desempenhar a mesma função, entre outras reivindicações. O feminismo desfaz a ideia incutida pela sociedade patriarcal de que mulheres devem ser rivais entre si. Foi graças ao movimento feminista que mulheres e até mesmo certa parcela dos homens puderam estabelecer novos arranjos familiares em virtude da presença feminina no mercado de trabalho, dos direitos sexuais e reprodutivos, entre tantas outras pautas. Foi e é graças ao movimento feminista que práticas violentas, como o estupro, são consideradas abomináveis, inaceitáveis e criminosas.

O feminismo é fundamental para resolver as questões relacionadas às desigualdades de gênero que foram construídas cultural, social e historicamente. Ao longo dos séculos, testemunhamos a incessante luta das mulheres na busca por princípios e igualdade. O

feminismo se associa a essa luta contra uma sociedade imposta que explora uma única classe com a proposta de manutenção do trabalho. Tal exploração serve como mecanismo da mão-de-obra para manter o capitalismo, por isso é necessário falar sobre o feminismo, a violência, os interesses políticos do estado, o empobrecimento da população e as questões de gênero. Diante das diferenças sexuais, a sociedade criou o gênero feminino e o gênero masculino, o homem e a mulher, atribuindo funções diferentes para cada um deles. Temos os papéis direcionados para mulheres, como “cuidar dos filhos e da casa” e, direcionados aos homens, como “manter o sustento da família” e “garantir o domínio da propriedade”.

Essas diferenças existem devido ao modelo patriarcal e machista, no qual coloca a figura feminina como frágil, sempre necessitando de uma dependência masculina. Isso vem de uma construção histórica e cultural. A questão de gênero sempre foi levada em conta na manutenção dessa estrutura.

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (ADICHIE, 2015, p. 56).

Nas antigas sociedades mediterrâneas, a mulher vivia uma condição legal limitada e sem direitos políticos. Foi a partir do século XVIII que se começou a falar em reivindicação dos direitos da mulher, com o advento do Iluminismo, seus ideais de liberdade e igualdade e da Revolução Francesa. A história do movimento feminista pode ser dividida em três momentos: as reivindicações por direitos democráticos, como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho, nos séculos XVIII e XIX; a liberação sexual, impulsionada pelo aumento do consumo de contraceptivos, no fim da década de 1960; e a luta por igualdade no trabalho, iniciada no fim dos anos 1970. Segundo Angela Davis (2016), Djamila Ribeiro (2017), Mary Del Priore (2020) e outras pensadoras importantes para o feminismo atualmente, grupos ainda buscam avanços no que diz respeito aos direitos reprodutivos. Embora as mulheres tenham conseguido importantes conquistas com relação ao voto, trabalho, remuneração, divórcio e proteção no caso de violência doméstica, antigas demandas continuam em aberto.

2.2. Feminismo no Brasil

No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. As sufragistas brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro.

Ainda naquela primeira onda do feminismo no Brasil, vale chamar a atenção para o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na "União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas". Este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos, quanto no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960.

No Brasil, a década de 1960 teve uma dinâmica diversa em relação ao resto do mundo. O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com o Rock and Roll, Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava, Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. O ano de 1963 foi de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador.

Portanto, enquanto na Europa e nos Estados Unidos o cenário era muito propício para o surgimento de movimentos libertários, principalmente aqueles que lutavam por causas identitárias, no Brasil o que tínhamos era um momento de repressão total da luta política legal, obrigando os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha. Foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970. O regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas. Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os

dez anos seguintes como a década da mulher. No Brasil, aconteceu, naquele ano, uma semana de debates sob o título "O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira", com o patrocínio do Centro de Informações da ONU. No mesmo ano, Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que terá papel muito relevante na luta pela anistia, que ocorreu em 1979.

Enquanto as mulheres no Brasil organizavam as primeiras manifestações, as exiladas, principalmente em Paris, entravam em contato com o feminismo europeu e começavam a reunir-se, apesar da grande oposição dos homens exilados, seus companheiros na maioria, que viam o feminismo como um desvio na luta pelo fim da ditadura e pelo socialismo.

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas - violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados.

A Emenda Constitucional nº 9 de 1977, por sua vez, foi regulamentada pela Lei nº 6.515 (de 26 de dezembro do mesmo ano), também conhecida como a Lei do Divórcio. Na época havia muita resistência, principalmente por parte das bancadas religiosas, que argumentavam que a medida acabava com a instituição familiar. Contudo, as mudanças foram necessárias de forma a diminuir a intervenção do Estado na vida dos cidadãos, seguindo o fluxo do Estado Democrático de Direito. Os avanços da Lei do Divórcio em seus 45 anos foram comemorados pela juíza de paz Arethusa Figueiredo Henrique Silva de Aguiar. Ela foi a primeira mulher a se divorciar no Brasil, no dia 29 de dezembro de 1977, três dias depois da entrada em vigor da Lei nº 6.515. A juíza e seu ex-marido foram ao cartório, em Niterói, e solicitaram a conversão do até então desquite em divórcio. A homologação do pedido foi obtida em um dia.

Uma das mais significativas vitórias do feminismo brasileiro foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984, que, tendo sua secretária com status de ministro, promoveu junto com importantes grupos - como o Centro Feminista de

Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília - uma campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional. Do esforço resultou que a Constituição de 1988 é uma das que mais garantem direitos para a mulher no mundo. O CNDM perdeu completamente a importância com os governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. No primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, com status de ministério, e foi recriado o Conselho, com características mais próximas do que ele havia sido originalmente.

Ainda na última década do século XX, o movimento sofreu, seguindo uma tendência mais geral, um processo de profissionalização, por meio da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs), focadas, principalmente, na intervenção junto ao Estado, a fim de aprovar medidas protetoras para as mulheres e de buscar espaços para a sua maior participação política. Uma das questões centrais dessa época era a luta contra a violência de que a mulher é vítima, principalmente a violência doméstica. Além das Delegacias Especiais da Mulher, espalhadas pelo País, a maior conquista foi a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Em vigor há seis anos, a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104) prevê circunstância qualificadora do crime de homicídio e inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos. A lei considera o assassinato que envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Desde que a lei entrou em vigor, o feminicídio passou a constar nos dados da polícia e do Poder Judiciário, já que os processos criminais são autuados por esse tipo de crime. Com isso, o tema passou a ter maior visibilidade e assegurou-se o acesso às estatísticas de morte de mulheres em decorrência de gênero. Fazendo uma ponte entre um assunto e outro, a maior presença das mulheres no mercado de trabalho, incluindo o jornalismo.

2.3. Jornalismo para mulheres x Jornalismo feminista

O jornalismo, como tantos outros, é um ofício do patriarcado. Tal qual outras profissões, foi, por muito tempo, um espaço limitado para mulheres em todos os sentidos possíveis. Analisando a história, durante muito tempo as mulheres foram consideradas seres intelectualmente inferiores aos homens, o que inviabilizou que elas pudessem ser alfabetizadas e tivessem acesso à informação, ficando extremamente limitadas, exclusivamente, aos afazeres domésticos e cuidados com o marido e filhos. Com o passar do tempo, esse quadro começa a mudar vagarosamente, com a inserção das mulheres no

mercado de trabalho. Os veículos comunicacionais passam a ter a percepção de que as mulheres se tornaram um público consumidor de grande potencial e, dessa maneira, começam a ser produzidos e desenvolvidos conteúdos para esse público. Sousa (2010), fundamentada em Duarte (2003), afirma que:

O que acarreta uma mudança social nas funções exercidas pela mulher é a sua participação na educação. Era preciso, antes do engajamento em lutas e movimentos sociais, que a mulher passasse a se perceber como um ser pensante capaz de desempenhar outras atividades além da de procriar, cuidar do lar e satisfazer os mais variados caprichos de seu cônjuge. Ela própria teve que se ver segundo outros parâmetros sociais e culturais, o que em parte foi possível pela abertura de escolas públicas femininas, autorizadas legislativamente em 1827. [...] E foram aquelas primeiras - e poucas - mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever (p. 19).

Quando as primeiras revistas femininas surgiram, eram escritas e editadas por homens. Seus conteúdos possuíam cunho majoritariamente de entretenimento e lazer para as mulheres românticas, esposas, donas do lar e mães. Não abordavam temas que fugissem aos modelos pré-estabelecidos para a condição da mulher, e reforçaram o seu "papel" na sociedade. No Brasil, podemos citar, por exemplo, títulos como: *O Espelho Diamantino: periódico de política, literatura, belas artes, teatro e modas* (1827-1828); *Espelho das brasileiras* (1831); *Museo Universal: jornal das famílias brasileiras* (1837-1840); *Correio das Modas* (1839-1840), que afirmavam serem "dedicadas às mulheres brasileiras". (COSTA, 2014, p.27).

Conforme o autor, mesmo quando surge a primeira publicação feminina feita por uma mulher, o conservadorismo sempre esteve presente, como é possível observar na primeira revista considerada integralmente feminina - produzida para e por mulheres -, o *Jornal das Senhoras*, de 1852, periódico semanal que seguia o modelo de suas precursoras e trazia conteúdos de literatura, moda, belas-artes e teatro em suas páginas. Sua idealizadora, Joana Manso de Noronha, defendia que a revista objetivava melhorias nas condições sociais de vida da mulher, bem como sua emancipação moral. Entretanto, apesar de apresentar um posicionamento de inclinação feminista, quando passa a ser editada pela baiana Violante Ximenes Bivar e Velasco, a revista apresenta conflitos, pois ao passo que defendia a educação para mulheres, continuava a reforçar que esta deveria estar devotada ao lar e à escolha de um "bom" marido e de preferência com um poder aquisitivo alto.

Tradutora e intelectual de prestígio no ambiente da corte carioca, Violante defendia a igualdade intelectual entre os sexos. Mas a publicação dirigida por ela seguia uma receita menos ousada: a mulher deveria se instruir para conseguir um bom marido, ser boa esposa e educar bem os filhos (subentendido, os herdeiros varões). (COSTA, 2014, p.28).

Com o passar dos anos e a eclosão dos movimentos feministas ao redor do mundo, a mulher começa a ganhar autonomia e ocupar os espaços que até então só pertenciam aos homens: as urnas, os escritórios, as ruas e os centros comerciais.

2.4. Jornalismo de revista: o que é e para que se destina

O fazer jornalístico tem seu berço no impresso, que se desmembrou da literatura e foi, aos poucos, se transformando no que conhecemos como jornal impresso. Através do tempo e do surgimento de novas tecnologias, bem como as mudanças na economia e no cenário das relações políticas e sociais, outras formas de fazer jornalismo começaram a aparecer e não pararam desde então. Dentre os vários veículos pelos quais o jornalismo perpassa, está a revista, que também surge como uma ramificação do jornal diário impresso e, partindo disso, desenvolve suas próprias características e torna-se algo novo, independente. Para Tavares e Schwaab (2013), a revista é um reflexo do contexto histórico que corresponde à expansão do próprio jornalismo, entre os séculos XVII e XVIII. Entretanto, é só a partir do século XIX, com a revolução industrial invadindo e transformando todos os setores da sociedade, que o veículo midiático revista começa a se consolidar. Nesse período começou a se formar também o que seria o público para aquele novo meio, que ia além dos intelectuais, estendendo-se aos cidadãos comuns e alfabetizados. A partir de então, todas as condições eram favoráveis para o amadurecimento e solidificação das revistas enquanto meio de comunicação.

Scalzo (2003) destaca que a revista chega ao Brasil com a corte portuguesa, e é na Bahia, em 1812, que surge a primeira publicação feita no país, nomeada "*As variedades ou Ensaio de Literatura*". Um periódico com conteúdo sem caráter noticioso que tratava de assuntos literários e só produziu duas edições.

Tavares e Schwaab (2013) afirmam que o boom da produção de revistas impressas no Brasil se divide em quatro gerações. A primeira compreende as três primeiras décadas do século XX e está muito associada às revistas ilustradas, que, segundo Luca (2010, p.8) foi uma "novidade que se propagou e se impôs no início da centúria passada". O autor destaca ainda que "jogaram um papel fundamental não apenas na difusão de hábitos, costumes,

valores e sociabilidades urbanas [...], mas também na constituição de uma visualidade e sensibilidade modernas".

Já a segunda geração pode ser compreendida entre 1930 e 1945. São produções perpassadas por títulos com perfil político e de interesse geral. De 1945 a 1960 surgem as revistas de cultura, fotomagazines e fotonovelas. Somente a partir da década de 1970 surge o que pode ser considerada uma quarta geração de títulos nacionais, marcada pela consolidação das revistas de informação semanais. É também nessa época que a segmentação de mercado se torna uma tendência e as editoras começam a investir no jornalismo especializado (TAVARES e SCHWAAB, 2013, p. 30).

Scalzo (2003, p. 12) afirma que "quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor". Diferentemente do jornal impresso, a revista não é feita para um público em massa. Desde sua criação, o periódico tem como uma das principais características a segmentação dos temas e, conseqüentemente, dos públicos. Outras questões que diferem a revista do jornal são: a própria estética dos periódicos, o tratamento mais apurado de imagens e textos, a comunicação visual, a profundidade dos textos que ultrapassam o factual e fazem imergir o leitor num universo de significações mais complexas e mais bem-elaboradas.

Para a autora, "uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento". (SCALZO, 2003, p. 13). O leitor de revista possui uma relação diferenciada com o periódico, pois, diferentemente do jornal, ela é feita sob medida para um público específico. Sendo assim, seu leitor sabe que ao comprar ele encontrará temas de sua afinidade, que estão de acordo com sua realidade social, pensados para um determinado grupo de pessoas que possui interesses semelhantes, que compactuam das mesmas ideias. De certa forma, a revista conhece seus leitores e cria, para eles, um mundo de informações baseado naquilo que o veículo entende que irá agradá-los. França (2013, p. 94) observa que isso acontece pois:

O terreno de rotina criado na relação com sua comunidade de leitores passa não apenas pela cotidiana aparição nas bancas ao longo dos anos, mas também pela repetição da forma como esses assuntos são tratados pela revista: o leitor já espera determinado tipo de posicionamento da revista a certos acontecimentos. Isso só é possível porque ela conseguiu estabelecer um espaço discursivo próprio com o passar dos anos.

O jornalismo de revista tem a finalidade de criar possibilidades de identificação para com seu público determinado, propiciando uma relação de confiança e intimidade. Para isso

tem que existir uma "conversa", na qual a voz principal é a do leitor. Scalzo (2003) afirma que existem muitas formas de se ouvir o que o leitor tem a dizer, e que a revista tem que estar atenta a isso.

2.5. O feminismo atual e a mídia

Depois de muitas décadas de lutas, as mulheres passaram a assumir um papel diferente na sociedade. Hoje, possuem uma rotina extremamente dinâmica, dividindo seu tempo entre casa, trabalho e estudo. Com o advento das redes sociais, a forma de se comunicar, conhecer e se expressar tornou-se algo bem mais rápido e prático, e com isso, abre-se a possibilidade de expor sua opinião sobre os mais diversos assuntos. Assim, as redes sociais tornaram-se boas aliadas para a mulher na tentativa de mudar sua imagem tão deturpada ao longo dos anos pelas diversas formas de comunicação (televisão, rádio, jornais, etc.), que insistem em catalogar a mulher como algo consumível, atribuindo a ela diversas qualidades que geram a exclusão de quem não as obtenham. Desta forma, os meios virtuais encontram-se como um novo horizonte diante da perspectiva da luta em prol de uma sociedade igualitária.

Desde a bandeira levantada pelas sufragistas sobre o direito ao voto, passando pelas discussões sobre violência contra a mulher, saúde sexual e reprodutiva, até os debates mais recentes envolvendo o assédio masculino em espaços públicos, as pautas feministas sempre foram acompanhadas de perto pela imprensa. A partir dos anos 2000, o movimento feminista se distanciou das ruas, diferente das mulheres da primeira e segunda onda, uma vez que conquistas como voto, direito ao divórcio e a propriedade já haviam sido obtidas. Porém, com o advento das redes sociais e com o surgimento do Facebook em 2004, Twitter em 2006, Instagram em 2010 e o Tiktok 2016, algumas das redes sociais mais famosas da atualidade, o movimento feminista passou a se organizar e expor suas pautas numa amplitude ainda maior, usando essas mídias também como forma de mobilização. Esse advento tornou o movimento feminista mais inclusivo, pois muitas mulheres aderiram às redes sociais para exporem suas inquietações em relação à sociedade patriarcal em que vivemos. Dessa forma, ser “feminista” não requisitava participar de mobilizações ou de grupos de mulheres, ou mesmo participar de reuniões.

As mulheres sempre desempenharam um papel importante nos movimentos pela justiça social. Usando a mídia para transportar suas mensagens, para contestar as ordens sociais e para criar novos processos sociais, as feministas reconhecem há muito tempo a importância das mídias alternativas auto gerenciadas para ganhar força quanto movimento.

Tanto que, nas últimas duas décadas, um número cada vez maior de mulheres tomou as ferramentas da produção de mídia em suas próprias mãos. Com o surgimento de novas tecnologias de mídia e comunicação, as mulheres começaram a usar essas tecnologias para a produção e distribuição de mídias feministas em número cada vez maior. Essas produções, muitas vezes, são descritas como parte do “feminismo da terceira onda”, “feminismo pop” ou “feminismo do tipo faça você mesmo”. FONTE OU EXEMPLOS?

Ainda debatido em pleno século XXI, o tema causa inquietação ao refletir sobre o silenciamento ao redor do mundo entre mulheres que já passaram por alguma situação em que foram desvalorizadas, ignoradas e caladas. Isso acontece de várias formas e há muito tempo, mas só recentemente passou a ser foco de discussão. Excluir o sexo feminino não é mais aceitável e precisamos combater tal mentalidade. Escrita em 1949, *O Segundo Sexo* é a obra mais conhecida de Simone de Beauvoir (2019). A autora expõe o desenvolvimento da opressão masculina por meio da análise da história, da literatura e dos mitos, atribuindo os efeitos contemporâneos dessa opressão ao fato de ter-se estabelecido o masculino como norma positiva. Assim como sugere Beauvoir: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2019, p. 43). Isso é explicado por meio do conceito de gênero, que enfatiza o caráter cultural das diferenças existentes entre homem e mulher. Michelle Perrot (2005), ao escrever sobre os silêncios históricos, sustentava que as mulheres conseguiram registrar experiências onde lhes eram permitidas, restritas ao espaço doméstico e privado.

A mulher ficou reduzida ao espaço privado, ela nunca foi chamada a fazer parte da cena histórica e teve de desenvolver estratégias de sobrevivência naquilo que lhe restou: o lar. Por isso, a memória do privado coube à mulher. Era ela quem cultuava os mortos e suas tumbas, sendo a forma de comunicação dominante a oralidade, passada, geralmente, de mãe para filha. (PERROT, 2005, p. 519).

A representação falha da mulher na mídia tradicional é a crítica que mobilizou a criação de publicações alternativas, a representação que não deu conta da diversidade de vivências da feminilidade, a representação que limita o corpo e causa sofrimento, a representação que destrói a autoestima. Não se ver representada é a angústia política que mobiliza esses discursos, talvez porque estar condenado à invisibilidade seja a forma mais eficiente de sofrimento contemporâneo. Não se trata de dizer que esse é um problema novo, mas há uma diferença entre lutar por visibilidade como um grupo político em busca de direitos e o deslocamento que agora se dá em direção à luta por representatividade nos termos da existência antes considerados privados, as modelações do corpo e as formas de vida.

Com tudo isso, não podemos ignorar a importância do feminismo na atualidade e devemos enfatizar que o silenciamento feminino não se trata apenas de calar uma mulher; o silenciamento cala meninas, mulheres idosas e causas importantes como diferenciações dos feminismos, tais como dignidade menstrual, aborto como pauta de saúde pública, transfeminismos, representatividade da mulher na política brasileira, violências, falta de acessibilidade para mulheres portadoras de deficiência, desigualdade no mercado de trabalho e diferenciação no tratamento de mulheres gordas, entre vários outros temas.

No Brasil, o movimento feminista, nas últimas décadas, tem sido de fundamental importância para conquistas e ampliação dos direitos da mulher. Além disso, tal movimento foi precioso para despertar em muitas esferas da sociedade uma nova consciência da mulher sobre si mesma, pois ditar o comportamento feminino é uma preocupação que persiste na história de nossa sociedade, mas o papel da mulher no mundo se manteve praticamente inalterado até o final do século XIX. A partir disso, a sociedade passou por modificações até o momento em que vivemos hoje: um novo conflito entre a mulher de antes do século XX e a atual, retomando a importância dos papéis de gênero e empoderamento feminino.

A história traz imagens contraditórias e estereotipadas de mulheres, como as da Nossa Senhora, da mulher idealizada, da bruxa, da jovem inocente, da sedutora, da mãe dedicada ou da *femme fatale*¹. De acordo com Tomazetti (2015), o feminismo contemporâneo deve ser considerado enquanto um sistema de ideias e ideais de transformação baseados na oposição da assimetria e opressão de gênero mediante ações mobilizadoras. Não bastam teorias, argumentos e leis, é preciso agir. Na atualidade, a grande aliada desses movimentos para articulação de suas pautas têm sido as tecnologias de informação, em especial as redes sociais e sites independentes. A presença do feminismo na internet situa o movimento politicamente em um ciclo de novas/outras oportunidades alavancadas pela construção de laços solidários entre mulheres e feminismos de todo o mundo (TOMAZETTI, 2005, p. 7).

Das mídias sociais às ruas, as mulheres estão reivindicando igualdade de gênero e respeito da população. Um exemplo dessa ideia é a questão do padrão de beleza, colocado de lado como forma de aceitação do próprio corpo e que esse parâmetro imposto pela sociedade e pela mídia, principalmente às mulheres, já não representa mais o seu pensamento. Diante do contexto abordado, a *Subversiva* prega uma filosofia de amor, discurso político, empatia, sororidade e sempre colocando em foco o “empoderamento feminino”, abordando de maneira

¹ Uma mulher fatal (ou *femme fatale*, palavra original em francês) é um arquétipo feminino ou personagem modelo usado muito na literatura e cinema do gênero policial e no drama europeu.

geral o silenciamento feminino. Dessa forma, ao ocupar as mídias jornalísticas com veículos próprios, buscam refletir sobre maneiras distintas de fazer e pensar o jornalismo desde uma perspectiva de gênero e feminista.

Atualmente entende-se por mídia feminista como qualquer projeto de mídia autoidentificada como feminista e/ou feminista engajada em processos de mudança social. A mídia feminista - nesse entendimento mais amplo - engloba a produção de textos, e-zines, revistas e flyers, bem como práticas de performance, graffiti e arte. Dessa forma, os produtores de mídia feministas criam e se engajam em espaços participativos, redes e práticas culturais, assumem uma cidadania cultural e iniciam processos de mudança social.

Os movimentos feministas fazem uso de sua própria mídia para informar e também como meio de mobilização. Dessa forma, os meios de comunicação alternativos feministas formam uma plataforma composta por mulheres feminista que trabalham criticando as estruturas dominantes e os conteúdos da mídia convencional (capitalista, falocêntrica, racista), criando conteúdos para as feministas com o viés poético, educativo, reflexivo e transformador. As oportunidades e dinâmicas das mídias sociais, e as tecnologias da internet em geral, permitem que as feministas se conectem e formem comunidades, ao mesmo tempo em que se abrem para críticas internas e externas. Depois de anos em que o feminismo esteve ausente da juventude e da cultura popular, o forte ressurgimento do ativismo feminista popular, da arte, da política e da cultura, especialmente entre as mulheres jovens, é, francamente, muito encorajador. A mídia social permite que feministas de todas as idades contem histórias pessoais, se envolvam afetivamente com as experiências dos outros, organizem coletivamente e se mobilizem politicamente.

Através da história as feministas têm usado a mídia individual e coletivamente para informar, motivar e mobilizar a ação política em nome das mulheres, mas só das mulheres feministas (nós feministas não podemos falar em nome de outras mulheres, falar em nome de todas as mulheres despolitiza o movimento) bem como para criticar as estruturas e o conteúdo da mídia dominante.

2.6. Imprensa Feminina

Os últimos anos da década de 2010 foram muito significativos para a luta das mulheres. Diversas manifestações ao redor do mundo explodiram, resultando numa nova geração que falava diariamente sobre feminismo e também se considerava feminista. Deu-se o nome de quarta onda feminista (RODRIGUES, 2016) para esses movimentos que questionavam e lutavam, seja nas ruas ou nas redes sociais, pelo fim da violência de gênero,

por salários equivalentes para diferentes gêneros e raça, por melhores condições de vida, por respeito aos corpos das mulheres, além também de realizarem denúncias e relatos das violências ocasionadas pelo patriarcado nas mídias online.

A partir dessas movimentações houve também uma maior cobrança que as instituições de nossa sociedade se posicionassem diante das violências sofridas pelas mulheres ao longo dos tempos. A mídia é fundamental nesse processo, como um importante papel para que essas novas demandas da sociedade sejam divulgadas e atuem de maneira educativa. Como afirma Santos (2019), as diferentes mídias, tão disseminadas no contexto contemporâneo, não são apenas instituições sociais e culturais, constituídas como produtos de um contexto globalizado e capitalista. Além desse caráter mercadológico, os produtos midiáticos são também constituidores de uma dada realidade social, produtores de discursos sobre o mundo e articuladores de saberes e poderes (FOUCAULT, 2003).

Desde o início dos movimentos feministas, têm-se questionado como a mídia expõe informações para as mulheres. A periodicidade de publicação que comumente a mídia feminina utiliza se distancia de fatos atuais, o que reforça a característica alienante e ideológica desse tipo de imprensa. Para Buitoni (2009), existe um interesse mais comercial e mercadológico nessa mídia do que um papel social de transformar a realidade de opressão na qual vivem as mulheres.

As revistas femininas, desde o seu surgimento, eram muito mais dedicadas a representar um ideal do que é ser mulher do que representar a mulher do dia a dia. Buitoni (2009), que estuda a imprensa feminina no Brasil desde o seu começo, afirma que não existia a mulher “com quem se cruza na rua” na imprensa feminina, ou seja, sempre era uma mulher idealizada, seja sobre seus corpos, hábitos, carreira e, principalmente, sexualidade etc. As mulheres são sempre retratadas de forma desvinculada e descontextualizada de sua época. Raramente são vistos acontecimentos históricos importantes da atualidade expostos nas revistas dedicadas ao público feminino, de maneira crítica e de forma a educar politicamente essa mulher. Nesse sentido, para Buitoni (2009), a atualidade e a imprensa feminina não são pontos que andam juntos.

Provavelmente o surgimento de jornais ou revistas femininos estava relacionado com a ampliação dos papéis femininos tradicionais, circunscritos até então ao lar ou ao convento. E também com a evolução do capitalismo, que implicava novas necessidades a serem satisfeitas. De qualquer modo, entre a literatura e as chamadas artes domésticas, o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático. (p. 29).

A imprensa feminina é mais ideologizada, as temáticas focam na maternidade, beleza, moda, culinária, comportamento e celebridades (BUITONI, 2009). Existe uma criação do mundo da mulher nessa mídia completamente isolado e desconexo, não há uma ligação direta entre a mulher e o mundo. O sujeito histórico que é ser mulher é completamente ignorado nessa imprensa e por isso a grande maioria das matérias são consideradas como “frias”, ou seja, podem ser publicadas em qualquer momento. A imprensa se liga mais à novidade do que à atualidade.

Matérias sobre política, economia, exigem certa urgência para serem divulgadas e caso não sejam, os ocorridos deixam de fazer sentido em outro momento. Essa lógica não costuma ser primordial para a imprensa feminina. Afinal, manter essa mulher consciente de sua história e capaz de formular suas opiniões não é o foco da sociedade patriarcal.

A mídia feminina ou imprensa feminina possui um repertório ao longo dos anos muito específico voltado para a mulher e também para a reprodução daquilo que é ser mulher na sociedade patriarcal. Como afirma Buitoni (2013), a imprensa feminina não se dedica em apresentar conteúdos da atualidade, e sim reforçar os papéis sociais que as instituições ditam para as mulheres, como a mulher dona de casa, esposa e mãe. Salvo poucas exceções que falaremos a seguir, não é uma mídia que se interessa pela mulher de maneira individual, uma mulher que possui uma história, trajetória, raça e classe.

Ora, a imprensa feminina se liga mais à novidade, como já dissemos, do que à atualidade. A atualidade é ancorada no tempo, tem uma dimensão física, objetiva, bem definida. A novidade pode ser uma relação subjetiva: isto é novo para mim. Ou pode ser o novo fundamental da imprensa feminina: o novo construído artificialmente pelos próprios meios de comunicação de massa. Um novo atemporal, inventado (BUITONI, 2009, p. 203).

A desconexão que a imprensa feminina possui em representar a realidade da maioria das mulheres brasileiras se vê desde os seus primórdios até os dias de hoje. O imaginário de mulher perfeita vem sendo vendido de forma exemplar na mídia feminina, estando a imprensa feminina alinhada aos desejos de consumo. “A imprensa feminina informa pouco, mas forma demais. Antes de tudo é uma imprensa de convencimento. Se a informação é eminentemente narrativa, a imprensa feminina prefere a dissertação e descrição” (BUITONI, 2009, p. 208).

2. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

3.1. Revista Subversiva

Uma revista digital dispõe diversas narrativas, relatos e experiências vivenciadas pelos entrevistados e fundamentação teórica com os feminismos plurais, mostrando assim todo o silenciamento feminino, movimento feminista, diferentes campos ocupados do meio e importância de debater sobre os temas abordados. O projeto experimental declara o feminismo não só como um movimento importante, mas também visa o significado de reafirmação de identidades no mundo, carregando contextos históricos, sociais e culturais, fazendo com que assim os seus diferentes vieses e pautas sejam valorizados.

O objetivo da *Subversiva* é discutir feminismo, em suas pluralidades e particularidades, nas suas benesses e feridas. Além disso, queremos refletir sobre questões que cercam a formação de um mundo mais justo e igualitário para TODAS as pessoas. Esta é uma revista política, portanto reservamo-nos o direito de não publicar textos que sejam contrários a nossos posicionamentos editoriais. É uma defesa de um jornalismo engajado. Isso vai de encontro com normas canônicas do jornalismo, como isenção e imparcialidade. No entanto, essas normas vêm sendo não só contestadas sobre sua efetiva aplicação, como também, em termos deontológicos, elas passam a ser vistas com certa desconfiança, já que em busca de um pretense equilíbrio, falsas equivalências são construídas, muitas vezes abdicando de outros compromissos do jornalismo, como a atuação cidadã e os impactos sociais que ele pode causar. Abraçar a causa é, incontornavelmente, tomar posição sobre algo. Portanto, uma excessiva "isenção" pode escudar, na verdade, uma atuação covarde ou omissa sobre determinados temas cruciais, como o da misoginia. Primamos pela crítica às estruturas e instituições, não a indivíduos. Buscamos não difundir preconceitos e sim utilizar os princípios da interseccionalidade em nossos textos. A proposta atual é fazer uma revista virtual mais ampla e democrática.

Há também a questão da invisibilidade, na maioria de nossos textos dando voz a mulheres e pautas silenciadas pela mídia tradicional brasileira. Não acreditamos em estereótipos. Não acreditamos em verdades absolutas. Não acreditamos no feminismo como uma cartilha e nem como religião. Nosso feminismo é político e está constantemente em construção. Aberto para agregar ideias, valores e conceitos. Pronto para reconhecer privilégios e contradições. Disposto a questionar universalizações e essencialismos. Temos o

desafio de propor, lutar e implementar mudanças sociais que construam uma sociedade melhor para TODAS as pessoas, especialmente as mulheres guerreiras.

3.2. Revista digital/online

A revista digital online permite a difusão do conteúdo por meio de conexões na rede. O fato de a revista estar depositada em ambiente web permite que inúmeras pessoas achem seu conteúdo por meio de buscadores. Sendo assim, as editoras poderão ter novos leitores.

As revistas digitais/online atualmente são consumidas em maior escala, pois segundo a última pesquisa realizada pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC) em relação a revistas, no ano de 2020 a revista *Veja* perdeu 285.015 exemplares impressos, isso equivale a uma queda de 52,2% em relação a 2019. A revista *Época* teve redução de 68.260 cópias, um total de -43,5%. Já a *Exame* caiu 31,9%, um total de -26.024 exemplares. A pesquisa identificou uma queda de circulação nas edições impressas (38,9%) e um aumento de 44,7% nas digitais, isso por conta do seu fácil acesso, podendo trabalhar com conexões rápidas, e as mesmas atribuem produções elaboradas, visto que muitas são produzidas com edições mensais, principalmente as revistas de moda. As revistas carregam três importantes características: análise, opinião e sobretudo, beleza. E em se tratando da web, isso se torna ainda mais deslumbrante aos olhos dos leitores, já que o acesso se torna ainda mais fácil.

Podemos citar a revista *Glamour*, por exemplo, que tenta transformar seus conteúdos digitais mais interessantes, de maneira que engaje o leitor. Em seu site², o leitor encontra tanto o conteúdo da revista impressa quanto conteúdo exclusivo produzido para a internet. Há uma opção de folhear a edição do mês, porém só algumas reportagens são mostradas e apenas os títulos podem ser lidos com clareza. Neste mesmo sistema, pode-se ter acesso a edições anteriores.

Com a divisão dos públicos, a autonomia, a independência do leitor, e a era de multiplicidade de áreas jornalísticas, passou a ser necessária a separação delas, elaborando revistas com cunhos específicos, como por exemplo, a chamada *Imprensa Feminina*. Mas, assim como toda era passa por transformações e agregações, com o gênero jornalístico não foi diferente. A tecnologia, que veio para somar, também trouxe formatos diferentes. Dentro da internet, a informação está disponível, e isso tem conquistado diversos meios de comunicação, como por exemplo as revistas, que arrumaram formas de criar, seduzir e encantar no ciberespaço – internet.

² <https://glamour.globo.com/>

Ao longo de mais de duas décadas de estudos, o jornalismo na World Wide Web recebeu diversas terminologias utilizadas para identificar aspectos de seu exercício. Mas é preciso diferenciá-las para evitar confusões quanto às suas especificidades. Por jornalismo eletrônico Santos (2002) entende-se como sendo “a transposição literal para a internet de conteúdos originalmente produzidos para outros meios, mais especificamente o meio impresso”. Tal definição, todavia, está muito próxima do que Palacios (2008) estabelece como sendo o primeiro estágio do jornalismo exercido na web, o transpositivo, conforme estabelece Palacios (2008), e que será tratado mais à diante.

Diante do intuito do presente estudo, abordaremos tais definições a partir da terminologia apresentada por Mielniczuk (2003). A autora determina esferas de classificação de acordo com as tecnologias e suportes utilizados. A partir desse entendimento, podemos classificar jornalismo eletrônico como sendo o jornalismo exercido com o apoio de equipamentos e recursos eletrônicos, seja na captura ou disseminação de informações. Trata-se de uma visão mais ampla, que não fica restrita apenas ao uso da internet.

O termo jornalismo digital, por sua vez, se refere à prática exercida através de meios que utilizam código binário em sua constituição, incluindo todo o suporte de hardware e software disponíveis e, conseqüentemente, o jornalismo online.

Já a classificação de jornalismo online é utilizada para tecnologias em que existe transmissão em rede, abarcando a possibilidade de atualização contínua. Segundo Santos (2002), podemos afirmar que o jornalismo digital diz respeito ao suporte da transmissão de informações, enquanto online à forma dessa circulação.

Mais específico ainda seria, nesse sentido, o webjornalismo. Para Canavilhas (2003), este seria o realizado através da World Wide Web – parte específica da internet, em que a troca de informações é realizada através de interfaces gráficas. “De certa forma, o conceito de jornalismo encontra-se relacionado com o suporte técnico e com o meio que permite a difusão das notícias.” (MURAD, apud CANAVILHAS, 2003, p. 2). Acima de tudo, o webjornalismo é marcado por uma característica peculiar: a participação ativa do leitor. Na web, a interação com o leitor é fundamental. É preciso incentivá-lo a participar, a comentar e a deixar suas opiniões em um determinado post, por exemplo.

3.3. Delineamento do produto

Abaixo estão citados e destrinchados cada escolha do presente trabalho Revista *Subversiva*: feminismos plurais – seu movimento e trajetória através de histórias. Além das

escolhas, também estão presentes suas motivações e o processo criativo para o desenvolvimento das três edições.

3.3.1. Formato

A escolha do formato em revista digital se baseia em toda a história e capacidade de alcance. Por ser digital, as possibilidades de alcançar públicos através de dispositivos móveis, desktop e celulares, aumentam, e assim podendo abordar diversos temas – explorando todos os gêneros textuais: matérias, reportagens especiais, artigos de opinião, entrevistas, crônicas, perfis, poesias, guias importantes e colunas de jornalistas convidadas. Importante ressaltar que ao longo das edições será possível encontrar alguns temas repetidos a partir de reportagens especiais. A pauta que daremos mais prioridade nesse quesito será a dignidade menstrual, para debater o assunto trouxemos profissionais da saúde, indicações de livros, filmes, guias e dados importantes sobre a pauta.

3.3.2. Produto

As três edições da *Subversiva* contam com uma diagramação moderna e distinta das revistas atuais, todas foram diagramadas exclusivamente pela plataforma *Canva Pro*. Nós utilizamos das cores da identidade visual como segmento para a diagramação e layout de cada uma das revistas – além da composição de outros canais de comunicação ainda presentes neste trabalho.

Na primeira edição da *Subversiva* escolhemos utilizar tons de vermelho como principal cor, remetendo a reportagem principal que aborda a menstruação feminina fazendo uma correlação com a capa. Já na segunda edição escolhemos tons de verde por ser a revista escolhida para abordar principalmente sobre mulheres na política brasileira, o verde foi designado devido a cor se relacionar com a bandeira do país. Por fim, na terceira edição da *Subversiva*, escolhemos tons de azul por ser uma edição que aborda especialmente a liberdade feminina, e de acordo com a psicologia das cores, o azul remete a paz e liberdade. O intuito de escolher as cores corretas em cada edição é conseguir a percepção e sensação do leitor (a), proporcionando o "sentir" ao longo das páginas de todas as edições. Para diferenciar os textos das jornalistas convidadas nas colunas e no perfil especial, cores como o roxo escuro e salmão/coral foram escolhidas para diferenciá-las das outras páginas, assim como a utilização da foto de cada uma delas ao final do texto escrito.

Assim como as cores, todas as fontes das três edições foram propositalmente pensadas, sendo utilizadas: Bukhari Script, Chloe, Glacial Indifference, Hit And Run,

Hugoboss Free personal R, IM FELL, Playlist Script e Voguer. Por fim, para finalizar a parte técnica do produto a diagramação escolhida foi 21 centímetros de largura e 29,7 de altura, tendo um tamanho especial para revista.

3.3.3. Revista Subversiva - *Naming*

Naming é o nome dado a uma marca, produto ou processo, na comunicação trata-se de um conjunto de técnicas e propósitos utilizados para chegar ao resultado. Neste caso, o *Naming* tem ainda mais consagrado suas intenções. A revista trabalha com alguns pilares sensitivos, estes foram usados da maneira mais precisa na construção do nome - *Subversiva*.

Subversiva é o feminino de subversivo - que ou aquele que propõe e/ou executa ações com o objetivo de transformar ou derrubar a ordem vigente; revolucionário. Que ou aquele que propaga ideias ou teorias diferentes daqueles da maioria, que, em consequência disso, pode se sentir prejudicada ou ameaçada.

A *Subversiva* é sobre estar aqui e proporcionar voz aos silenciamentos femininos dentro da mídia. Não se ver representada é a angústia política que mobiliza todos os discursos das três edições da revista, talvez porque estar condenado à invisibilidade seja a forma mais eficiente de sofrimento contemporâneo. Com tudo isso, não podemos ignorar a importância do feminismo na atualidade e devemos enfatizar que o silenciamento feminino não se trata apenas de calar uma mulher; o silenciamento cala meninas, mulheres idosas e causas importantes como diferenciações dos feminismos, dignidade menstrual, aborto como pauta de saúde pública, transfeminismos, representatividade da mulher na política brasileira, violências, falta de acessibilidade para mulheres portadoras de deficiência, desigualdade no mercado de trabalho e diferenciação no tratamento de mulheres gordas, entre vários outros temas.

3.3.4. Branding

A Revista é um instrumento de informação e conteúdo, esses, desenvolvidos para que um propósito seja cumprido e exposto. Dessa forma, o branding³ se torna um auxiliador fundamental para a estrutura do produto, visto que ele é o conjunto de ações alinhadas ao posicionamento e valores de determinado produto. Ele tem como objetivo despertar sensações e criar conexões conscientes.

³ Branding ou brand management refere-se à gestão da marca de uma empresa, tais como seu nome, as imagens ou ideias a ela associadas, incluindo slogans, símbolos, logotipos e outros elementos de identidade visual que a representam ou aos seus produtos e serviços.

A partir do seu significado, foi concretizado que um alinhamento de branding seria importante para o desenvolvimento desse produto em destaque. O sentimento de acolhimento foi o pilar essencial para a construção do que a *Subversiva* poderia causar nas pessoas. Toda espécie de análise, submersão, propósito, cores, identidade visual, fonte e produções jornalísticas foram construídas a partir do ideal de "dar voz", acima de tudo.

3.3.5. Canais de comunicação

O seu principal ponto de conexão será o *Instagram*, onde, ao longo do processo de elaboração da revista – esse, antes do seu lançamento – terá conteúdos e reportagens de prévias. Os leitores e pessoas que se interessarem, poderão seguir a *Subversiva* na plataforma, para assim, não perder nenhum conteúdo e estar presente na divulgação das três edições da revista e todos os seus post exclusivos. A Revista *Subversiva* busca não apenas abordar os temas referentes à vida e rotina de mulheres, mas também promover o debate e a discussão sobre direitos e seguridade de forma bem detalhada, atuando como fortalecedor da cidadania através dos feminismos plurais.

Entre os canais, a principal característica será a interatividade, em cada conteúdo intuitivo direcionando o leitor para outro canal de comunicação (plataforma heyzine), fazendo com que ele esteja ligado com todas as atribuições da futura revista, tendo o Qrcode⁴ de cada uma das publicações, sendo eles:

⁴ QrCode: Código de barras, ou barra métrico, bidimensional, que pode facilmente ser escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera.

Figura 1 – QR Code, acesso a 1ª revista



5

Figura 2 – QR Code, acesso a 2ª revista



6

Figura 3 – QR Code, acesso a 3ª revista



7

⁵ Disponível em: <https://heyzine.com/flip-book/0be2242b72.html>

⁶ Disponível em: <https://heyzine.com/flip-book/8b5e62de4f.html>

⁷ Disponível em: <https://heyzine.com/flip-book/bd08b5e1cd.html>

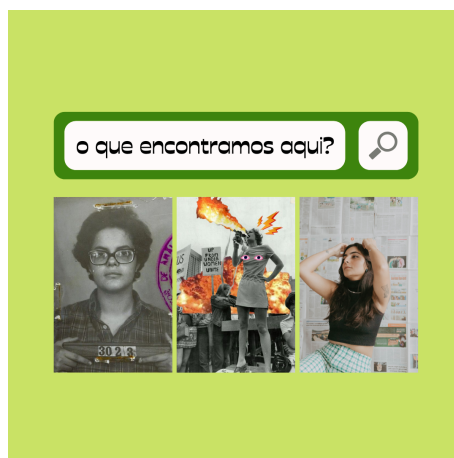
Figura 4 – QR Code, acesso ao Instagram



Figura 5 – Post no Instagram



Figura 6 – Post no Instagram



⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/subversivarevista/>

Figura 7 – Post no Instagram



Figura 8 – Post no Instagram



Figura 9 – Post no Instagram



3.4. Edições

Abaixo estão listadas e explicadas algumas das particularidades da revista *Subversiva* e o seu processo de criação e produção, explicando cada uma das edições. Todas elas seguiram o mesmo dilema de intuito de pesquisa e layout, respeitando a linearidade do produto.

Na **primeira edição** decidimos ressaltar histórias e vivências do árduo silenciamento feminino através de histórias e textos bem escritos. Para a matéria de capa escolhemos a falta de recursos, desinformação ou tabu em torno do assunto da menstruação. Além das matérias sobre menstruação, é possível encontrar uma entrevista ping-pong com a historiadora Mary Del Priore, artigos sobre a importância da legalização do aborto, guia do assédio, tipos de violência, aceitação do próprio corpo, coluna especial chamada "Vamos Juntas" e muito mais.

Figura 10 - 1ª Capa da Revista Subversiva



Figura 11 - 1ª layout da Revista Subversiva

SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA

Para a nossa **segunda edição** decidimos focar no papel feminino dentro da política brasileira ao longo dos anos. Para a matéria de capa decidimos homenagear a vereadora Marielle Franco que foi brutalmente assassinada em 2018 e, até a finalização desta revista, o autor ou autores do crime não foram encontrados e penalizados. Além das matérias sobre mulheres na política, será possível encontrar um perfil junto de uma entrevista ping-pong com a até então Deputada Estadual Adriana Accorsi, matérias sobre as eleições 2022, nomes importantes para a luta feminista e a violência sofrida pelas jornalistas durante o mandato do presidente Jair Bolsonaro.

Figura 12 - 2ª Capa da Revista Subversiva



Figura 13 - 2ª layout da Revista Subversiva

SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA

Para a **terceira e última edição** decidimos focar na importância da liberdade das mulheres e do autoconhecimento do seu próprio corpo. Como matéria de capa foi abordado o orgasmo feminino, assunto necessário e esquecido por anos. Além das matérias sobre o prazer feminino, será possível encontrar uma entrevista com a jornalista, professora e colunista da revista AzMina, Agnes Arruda. Também podem ser encontradas matérias sobre o movimento corpo livre, o espaço das mulheres gordas, empreendedorismo feminismo e a diversão na moda.

Figura 14 - 3ª Capa da Revista Subversiva



Figura 15 - 3ª layout da Revista Subversiva

SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA
SUBVERSIVA

3.4.1. Linguagem e gêneros textuais

Todas as matérias presentes nos três produtos carregam características e particularidades específicas. Para Cecília Guirado (2005), a reportagem tem a possibilidade de conectar histórias à ética e à cultura, além de utilizar o sujeito (entrevistado) como segundo plano. Neste caso, o personagem foi a peça principal para a construção da produção, sendo ela qual for. As matérias possuem o entrevistado como o foco da pauta, a sua personalidade e trajetória é ressaltada, admirada e utilizada como segmento para outras

retrancas e reflexões. Ainda no material, são dispostas crônicas e poemas a fim de criar uma conexão e dinamicidade entre o leitor e o conteúdo. A linguagem da revista é editorial e opinativa, onde é expresso em sua grande maioria o parecer do autor acerca de determinado fato.

3.4.2. Processo criativo e diário de produção

O processo criativo foi determinante para a realização deste trabalho, aliás, a sua construção como um todo. O fator principal para a fundamentação deste produto e sua trajetória de desenvolvimento foi a Iniciação Científica realizada também com o orientador Rogério Pereira Borges, chamada **Empoderamento feminino e posicionamento na comunicação: uma análise do site Azmina**. Ainda sem definição exata sobre todas as pautas, o principal intuito do produto seriam ações que tentam superar a desigualdade de gênero, que se reflete na falta de representatividade política das mulheres, que é histórica e se mantém ainda hoje na distorção salarial em relação a homens que realizam o mesmo trabalho, nas estatísticas de violência, nos padrões de beleza, nas formas de educação e em uma série de outros aspectos. O combate à exclusão e às desigualdades variou ao longo do tempo, com protagonistas diferentes. Há vários feminismos, com diversidade e heterogeneidade entre as mulheres e suas demandas. Reconhecer o caráter plural do movimento legitima a contribuição de mulheres de diferentes etnias, origens sociais, orientações sexuais e identidades de gênero: negras, indígenas, asiáticas, lésbicas, bissexuais, transgêneros. A luta de mulheres contra as estruturas de opressão antecede a palavra feminismo e a existência de um movimento feminista organizado. Por isso, a Revista *Subversiva* é autoentitulado um veículo de comunicação independente e feminista, produzido apenas por mulheres escolhidas a dedo pela editora.

3.4.3. Participações especiais e entrevistadas

Ao longo das três edições da *Subversiva* tivemos a participação de três fotógrafas convidadas para fazer parte do projeto, sendo elas: Glenda Gurgel, Dora Allen e Gaby Barros. Assim como todas as fotógrafas foram escolhidas a dedo, as participações textuais na coluna "Vamos Juntas" e um perfil especial, aconteceram graças às jornalistas convidadas. As autoras convidadas foram: Yorrana Maia, Gabriella Reis e Lorena Lobo.

O trabalho conta com mais de 10 entrevistadas, sendo todas elas mulheres. Dentre essas, foram entrevistadas políticas, historiadoras, feministas, médicas, empreendedoras, mães, escritoras, professoras, ativistas, jornalistas e futuras jornalistas, pessoas que encaixam

nos temas abordados e possuem histórias de expressão. As entrevistas foram feitas, em partes, pelo aplicativo de mensagens WhatsApp e outras em formato de vídeo pelo aplicativo Google Meet. Em sua maioria, no formato remoto, em razão da praticidade e em decorrência a pandemia causada pelo vírus da Covid-19 e pela distância, visto que algumas das entrevistadas residem em outros estados e países. As respostas variaram entre textos, áudios e vídeos, que posteriormente foram decupadas e editadas de acordo com o formato escolhido do texto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista incorpora uma linguagem específica e o estabelecimento de diálogo com as leitoras com abordagem interativa e em primeira pessoa em muitos textos. Dessa forma, expõe os princípios que defende desde o começo, não assumindo um papel de neutralidade, sobretudo quando se trata de assuntos relacionados à violência e aos estereótipos de gênero. Em um balanço final sobre os temas discutidos nas reportagens, percebe-se que há abrangência dos pontos de pauta que vêm sendo debatidos pelos estudos de gênero, pelo movimento feminista e pelos movimentos sociais em geral. A revista busca não apenas abordar os temas referentes à vida e rotina de mulheres, mas também promover o debate e a discussão sobre direitos e segurança de forma bem detalhada, atuando como fortalecedor da cidadania. Em suas reportagens é demonstrada a realidade de diversas mulheres, com seus recortes sociais, com investigação e denúncia, e representam muito das demandas feministas que o movimento carrega e reivindica.

Este trabalho representa não só uma visão minha sobre o mundo, mas também traz um compilado de sentimentos entre mim e essa profissão que proporciona tantas experiências, assim como o ativismo por pautas feministas, sua capacidade comunicacional e principalmente social. No momento da escolha do tema do trabalho de conclusão de curso, eu já imaginava que feminismo, comunicação e cidadania seriam pilares essenciais até a chegada de um tema concreto. Para definir de forma exata a minha abordagem, imaginei o que gostaria de ouvir, aprender e ensinar sobre os diversos tipos de feminismos, algo ainda distante do que a mídia propaga atualmente.

A *Subversiva* foi minha maior aliada durante esse ano de 2022 em todos os âmbitos. Esse trabalho tornou-me na maior fã do que sou capaz, apesar de muitas vezes não acreditar que alguns desses projetos possam ser concretizados. Trouxe também a minha maior realização e oportunidade de juntar o meu eu jornalista com o meu eu feminista e, dessa forma, conseguir propagar conhecimento, reflexão, história e política através desse objeto tão conhecido e desconhecido ao mesmo tempo.

A conexão me fez enxergar o jornalismo de maneira mais humana, e trouxe a visão de que o mundo é político, e que o movemos a cada passo, movimento, ato e oportunidade. A profissão, que ainda virá com mais força em minha vida, me mostra a cada minuto um novo sentimento, e entre eles, o maior: o eterno conhecimento. Conhecimento até do que ainda não sei, mas irei descobrir exercendo meu ofício. Sinto-me realizada por todo o período de

produção, o qual pretendo dar continuidade após o encerramento deste ciclo, através de um mestrado e até mesmo um doutorado.

Com a *Subversiva* tive a oportunidade de entrevistar várias mulheres maravilhosas e acompanhar de perto o trabalho de muitas. Tive oportunidade de ouvir muitas histórias boas e também momentos muito dolorosos, que admito ter segurado o choro muitas vezes. O meu maior intuito com esse trabalho foi dar voz a pautas silenciadas muitas vezes pela mídia tradicional e até mesmo por nós em nosso subconsciente, pelo machismo estruturado na nossa sociedade e até mesmo em nós. Posso afirmar que com esse trabalho ganhei forças para continuar o que acredito ser o jornalismo de verdade, tanto que me empolguei tanto que uma só revista virou três. Para fundamentar a revista da maneira que eu gostaria, realizei algumas apurações e análises de quais pessoas estariam presentes no trabalho. Essa foi a parte mais especial, a qual trouxe a oportunidade de entender quais temas seriam abordados ali, e para a seleção eu utilizei apenas um foco, sendo ele as minhas inspirações diárias e pessoas que admiro ou gostaria de entrevistar através de suas histórias. Mulheres com nomes importantes estão neste trabalho, assim como mulheres que nunca vimos ou ouvimos falar, mas todas acreditam na mesma coisa: um mundo mais justo para todas as mulheres, um mundo com possibilidades iguais e principalmente um mundo que não nos silencie.


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BUITONI, Dulcília S. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.
- BUITONI, Dulcília Schoeder. **Revista e segmentação: dividir para agrupar**. - A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso Editora Ltda. 2013.
- CANAVALHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web**. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo. *Jornalismo Online*. Covilhã: Universidade Beira Interior, 2003. _____. Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema midiático. Disponível em: <http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf>. Acesso em 25 de novembro de 2022.
- COSTA, Carlos. **Revistas femininas do século XIX: os primeiros passos**. São Paulo: Revista Comunicare nº 14 - Dossiê Feminismo, Faculdade Cásper Líbero, 2014.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FRANÇA, Renné Oliveira. **Revista e referentes: a pensata na construção do mundo de cada publicação** - A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso Editora Ltda. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 15. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- GUIRADO, Maria Cecília. **Busca e transcrição no processo de reportagem**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Disponível em: . Acesso em: 23 de julho de 2022.
- MARY DEL PRIORE. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.
- MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2003. _____. Interatividade como dispositivo do jornalismo online. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2000_mielniczuk_interatividadedispositivo.pdf. Acesso em: 25 de novembro de 2022.
- SANTOS, Flávia M. **A invenção do saudável: práticas discursivas midiáticas sobre os corpos das mulheres**. 2019. 311 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.
- SANTOS, Ana Lúcia Reis dos. **Informação fast-food: um estudo de caso do jornal Último Segundo do portal IG**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Recife, 2002.

- SOUSA, C. S. C.. **Gênero e construção de identidade de mulheres jornalistas**. 2010. 74 f. Monografia (Graduação em Jornalismo). Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010.
- PALACIOS, Marcos; **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória**. In: MACHADO, Elias. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003. Disponível em https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2022.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.
- TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (orgs). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre, Penso Editora Ltda. 2013.
- TOMAZETTI, Tainan Pauli. **O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero**. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/viewFile/334/371. Acesso em: 23 de agosto de 2022.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- RODRIGUES, Carla. **A quarta onda do feminismo**. Revista CULT, São Paulo-SP, n. 219, p. 30-31, dez. 2016.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

4. ANEXOS

Anexo 1 - Documento RAG



PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1869 | Setor Universitário
Cidade Postal 191 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089.1 Pass (62) 3946.3090
www.pucgoias.edu.br | prodia@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO nº 038/2020 - CEPE
Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Victoria Luanda Rocha
do Curso de Psicologia, matrícula 2019.1.0119.0011-3,
telefone: (62) 31326-3334, e-mail victoria.luciana@pucgoias.edu.br,
na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Revista Subversiva - Feminismo Puro

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 14 de dezembro de 2022.

Assinatura do(s) autor(es): Victoria Luanda Rocha

Nome completo do autor: Victoria Luanda Rocha

Assinatura do professor-orientador: Rogério Pereira Borges

Nome completo do professor-orientador: Rogério Pereira Borges

1

Anexo 2 - Autorização de uso de imagens e informações

As autorizações das fontes para uso de suas entrevistas neste TCC estão arquivadas na Coordenação do Curso de Jornalismo da PUC GOIÁS, observando os dispositivos de sigilo previstos na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

Anexo 3 - Tabela de imagens

Figura 1 – QR Code, acesso a 1ª revista	33
Figura 2 – QR Code, acesso a 2ª revista	33
Figura 3 – QR Code, acesso a 3ª revista	33
Figura 4 – QR Code, acesso ao Instagram	34
Figura 5 – Post no Instagram	34
Figura 6 – Post no Instagram	34
Figura 7 – Post no Instagram	35
Figura 8 – Post no Instagram	35
Figura 9 – Post no Instagram	35
Figura 10 - 1ª Capa da Revista Subversiva	36
Figura 11 - 1ª layout da Revista Subversiva	37
Figura 12 - 2ª Capa da Revista Subversiva	38
Figura 13 - 2ª layout da Revista Subversiva	39
Figura 14 - 3ª Capa da Revista Subversiva	40
Figura 15 - 3ª layout da Revista Subversiva	41